

20 de novembro é o Dia da Consciência Negra



O Sistema de Bibliotecas Vera Cruz comemora o Dia da Consciência Negra, abordando a origem da data, a vida e a trajetória de Zumbi dos Palmares, os quilombos, a cultura afro-brasileira na educação e a importância de se reconhecer o papel do negro na construção de nosso país.

Apresenta também:

Os livros do Gabinete de Leitura que abordam o negro na sociedade brasileira;

Obras literárias do Gabinete de Leitura em que o negro é o personagem principal e;

Os filmes pertencentes ao acervo do Gabinete de Leitura que retratam os negros, com destaque especial para o documentário Ôrí ("cabeça", "consciência negra", na língua yorubá).

Por que uma notícia especial?

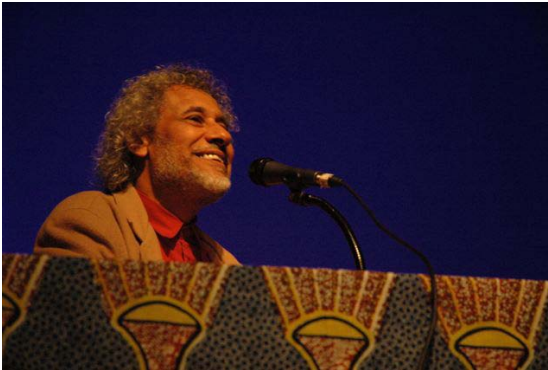
Desde o início da década de 1970, os brasileiros têm comemorado o Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. A data foi escolhida por ter sido o dia em que Zumbi dos Palmares, líder da resistência negra ao regime escravocrata, foi assassinado, em 1695. Seu objetivo é fazer refletir sobre a inserção do negro na sociedade brasileira e sobre a questão da igualdade racial.

Além da festa e da lembrança histórica, a data foi idealizada para marcar e abrir o debate sobre as políticas de ações afirmativas para o acesso dos negros, ao que um Estado democrático de direito deve oferecer a todo e qualquer cidadão: direito à educação (inclusive superior), à saúde, à justiça social, entre outros aspectos.

Mesmo que o mito da democracia racial brasileira seja cantado em verso e prosa, precisamos ter consciência de que as feridas abertas por três séculos pelo regime escravocrata no Brasil ainda precisam ser sanadas verdadeiramente; assim como o *deficit* social e a carga de preconceito que o rastro desse longo período deixou.



O idealizador do Dia Nacional da Consciência Negra foi o poeta, professor e pesquisador gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009), um dos fundadores do Grupo Palmares, que reunia militantes e pesquisadores da cultura negra brasileira, em Porto Alegre.



Em 1971 (ano de fundação do grupo) Oliveira Silveira propôs uma data que comemorasse a tomada de consciência da comunidade negra sobre seu valor e sua contribuição ao país. No dia 20 de novembro do mesmo ano, a data foi celebrada pela primeira vez e a ideia se espalhou entre outros movimentos sociais de luta contra a discriminação racial.

De lá para cá tem motivado a promoção de fóruns, debates e programações culturais sobre

o tema em todo o país.

A abolição e suas consequências para os ex-escravos

Em 1888, quando a Lei Áurea foi assinada, o Brasil era um dos últimos países no mundo a abolir a escravidão. Eternizada no tempo como uma liberdade concedida de forma paternalista pela princesa Isabel, a abolição foi, sobretudo, uma consequência natural dos anos de atuação e luta dos escravos, libertos, intelectuais, jornalistas negros e mestiços, em prol de dos direitos dos afrodescendentes. Antes de 1888, a escravidão vinha dando sinais de declínio devido às medidas do governo imperial, que na verdade pouco tinham de efetivas.



O regime escravocrata foi perdendo força graças à crescente atuação do movimento abolicionista e ao próprio desinteresse de algumas províncias em manter tal sistema. O Ceará, por exemplo, declarou a extinção da escravidão em 1885, por conta própria. Nesse período, eram crescentes as fugas em massa de escravos e a elite cafeeira paulista, pressentindo o final do escravismo, apressou os planos para iniciar a imigração.

A Lei Áurea, que declarava “extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil” (em apenas dois artigos), não atendia a uma política de readaptação que garantisse condições dignas de vida pós-escravidão. Não havia políticas públicas que abrangessem alimentação, moradia, educação, emprego ou qualquer outra reparação dos danos causados por anos de sofrimento.



Essa “falta de visão” de nossos governantes daria brecha a muitas discriminações e desigualdades, sentidas até hoje. Oliveira Silveira, o idealizador do Dia da Consciência Negra, escreveria em um de seus poemas o seguinte verso: “Treze de maio traição,/ liberdade sem asas/ e fome sem pão” ¹

Segundo o historiador Boris Fausto (2002), o destino dos ex-escravos variou de acordo com a região do país. No Nordeste, a maioria transformou-se em dependentes dos grandes proprietários. No Vale do Paraíba, muitos viraram parceiros nas fazendas decadentes e, mais tarde, pequenos sítiantes ou peões, para cuidar do gado. No centro urbano de São Paulo, os empregos estáveis acabaram ficando com os imigrantes, deixando aos ex-escravos somente os serviços irregulares e mal pagos. Já no Rio de Janeiro, cuja carga de imigrantes foi menor, os ex-escravos tiveram oportunidades melhores pois, antes mesmo da abolição, muitos já trabalhavam nas oficinas artesanais e em manufaturas. Fausto observa ainda que “apesar das variações de acordo com as diferentes regiões do país, a abolição da escravidão não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante, nas áreas regionais mais dinâmicas da economia, e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo em outras áreas, resultaram em uma profunda desigualdade social da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro. Sobre tudo nas regiões de forte imigração, ele foi considerado um ser inferior, perigoso, vadio e propenso ao crime; mas útil quando subserviente”.

Zumbi dos Palmares

Zumbi entrou para a história do Brasil como símbolo da resistência negra contra a escravidão e como o último chefe do Quilombo dos Palmares, um dos mais emblemáticos quilombos da época colonial. Quilombos eram redutos, afastados dos centros urbanos, que reuniam principalmente ex-escravos negros que fugiam de seus senhores em busca de liberdade. Eventualmente, alguns índios e brancos pobres também habitavam os quilombos.



Zumbi nasceu em 1655, na região de Palmares (Estado de Alagoas). Apesar de ter nascido livre, foi capturado pela expedição de Brás da Rocha Cardoso (capitão-mor do que seria, hoje, o estado de Sergipe), aos seis ou sete anos de idade apenas. Foi entregue ao padre Antônio Melo, em Porto Calvo, sendo batizado com o nome de Francisco. Aprendeu português e latim, foi iniciado na religião católica e chegou a auxiliar na celebração de missas, como coroinha. Porém, aos 15 anos, resolveu que seu destino era voltar para onde havia nascido e viver como seus iguais no quilombo. Fugiu para Palmares e adotou o nome de Zumbi,

¹ Para o poema na íntegra consulte:

<http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=11407&cod_canal=71>

Acesso em: 10 nov. 2011.



que tem significados variados (guerreiro, morto-vivo, espírito presente, entre outros). Acredita-se ainda que o nome tenha vindo mesmo de “Nzumbi”, título que os bantos, um povo africano, atribuíam a líderes militares e religiosos.

O primeiro grande chefe do Quilombo dos Palmares foi Ganga Zumba, tio de Zumbi. Ele chegou a assinar, em 1678, um acordo de paz com o governo de Pernambuco. Zumbi e seus partidários não concordaram com esse tratado, dando início a uma guerra interna. O final do conflito veio com a morte de Ganga Zumba, envenenado por um dos partidários de seu sobrinho. Com isso, Zumbi tornou-se líder dos palmarinos, chefiando a resistência contra os portugueses.

O Quilombo dos Palmares estava localizado na Serra da Barriga, hoje região que pertence ao município de União dos Palmares, em Alagoas. Alguns estudiosos acreditam que seu surgimento tenha ocorrido entre 1597 e 1580, quando alguns escravos fugiram de engenhos de açúcar, localizados no litoral de Pernambuco. Com o tempo, o quilombo foi atraindo cada vez mais escravos que fugiam de seus senhores, cujos engenhos foram se desagregando devido às invasões holandesas no Nordeste, no período de 1624 a 1654.

A Coroa portuguesa e o poder colonial tentaram dar fim ao quilombo por diversas vezes. Oficialmente, foram organizadas 16 expedições, sendo 15 fracassadas devido às condições da localização geográfica do quilombo – região montanhosa –, e da grande habilidade em estratégia militar de Zumbi e seus quilombolas.

A última expedição, comandada pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, conhecido caçador de índios, foi a última e vitoriosa tentativa de acabar com Palmares. Para isso, ele ganhou plenos poderes, dinheiro e perdão pelos crimes passados e futuros. Seu primeiro ataque, em 1692, fracassou; mas dois anos depois ele voltou com um contingente enorme de homens e de munições. O quilombo resistiu por 22 dias, mas foi derrotado em 6 de fevereiro de 1694. Zumbi fugiu, mas um de seus companheiros o delatou, sob tortura. O líder dos Palmares foi encontrado em uma emboscada, na Serra Dois Irmãos, e morto em 20 de novembro de 1695. Não se sabe se ele foi assassinado ou se cometeu suicídio. Sua cabeça foi cortada e exibida em um poste em Recife.

Após séculos, sua história e sua coragem foram transformadas em símbolo para a comunidade afro-brasileira.

Quilombos e comunidades quilombolas

Os quilombos, redutos que reuniam principalmente ex-escravos, geralmente estavam localizados em locais de difícil acesso, como no meio de matas ou em montanhas. Seus habitantes, chamados “quilombolas”, formavam comunidades que buscavam manter suas tradições religiosas e culturais; alguns chegavam a reproduzir a organização social africana. Sobreviviam por meio da pesca, da caça, da coleta de frutas e da agricultura; também praticavam o comércio dos excedentes com as populações ao redor.



Houve quilombos de diversos tamanhos, alguns pequenos, com vinte ou trinta habitantes, e outros grandes, com centenas ou milhares de habitantes. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas dessas comunidades espalhadas pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.



Muitos quilombos sobreviveram e permaneceram ativos, mesmo após a abolição da escravidão, graças ao difícil acesso de suas localizações. Grande parte dessas comunidades está situada em estados das regiões Norte e Nordeste. São as chamadas comunidades quilombolas, cujos habitantes são descendentes dos antigos escravos

negros. Por terem se mantido mais isolados, apresentam as tradições culturais, sociais e religiosas como nos séculos passados.

As comunidades quilombolas são definidas como grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas e com ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, conforme o Decreto Federal nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Essas comunidades possuem direito de propriedade de suas terras, consagrado desde a Constituição Federal de 1988.

Atualmente, existem mais de 1 500 comunidades quilombolas espalhadas pelo território nacional, certificadas pela Fundação Palmares, vinculado ao Ministério da Cultura, cuja finalidade é promover e preservar a cultura afro-brasileira.

No *site* da Fundação Palmares, você pode acessar dados sobre as comunidades quilombolas de todo o Brasil, certificadas por esse órgão. A fundação presta assessoria e desenvolve programas e projetos voltados a essas comunidades.

No estado de São Paulo, o órgão responsável pelo reconhecimento dos quilombos e de seus territórios é o Itesp (Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo), ligado à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania.

A cultura afro-brasileira e o seu lugar na educação

Em 2003, a Lei Federal n. 10.639 incluiu o dia Dia Nacional da Consciência Negra no calendário escolar, e tornou obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira nas escolas, de ensino fundamental e médio, públicas e particulares.

Tendo em vista que a influência do negro marcou profundamente a identidade e a cultura nacionais, o reconhecimento e a inclusão dos conteúdos relativos à África e ao povo africano no currículo das escolas foram de extrema importância, pois os professores devem incluir em seus



programas aulas sobre: história da África e dos africanos, luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Essa mudança não é automática nem simples, pois foram anos e anos de uma prática educacional onde o negro só aparecia quando se discorria sobre a escravidão no Brasil.

Conhecer e reconhecer o ponto de vista do negro e valorizar sua contribuição cultural não só diz respeito aos afro-descendentes, mas a todos nós, frutos de uma sociedade multicultural: a sociedade brasileira.

Sobre o tema da educação das relações étnico-

raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, sugerimos uma visita ao site do Ministério da Educação (MEC), onde há diversas publicações sobre o tema.

Fontes:

Texto adaptado de: "Dia da consciência negra" (Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo) Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/201111-diadaconsciencianegra.php>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

"Dia da Consciência Negra retrata disputa pela memória histórica" (Especial "O Brasil Negro"/Revista Com Ciência), Disponível em: <www.comciencia.br/reportagens/negros/03.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2011.
FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2002.

Fundação Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Itesp - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.itesp.sp.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=913&catid=194%3Asecad-educacao-continuada&id=13788%3Adiversidade-etnico-racial&option=com_content&view=article>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Oliveira Silveira – poeta da consciência negra. Disponível em: <<http://www.oliveirasilveira.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 nov. 2011.



Quem foi Ganga-Zumba (Brasil 500 - Folha Online) Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/zumbi_21.htm>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Quilombo (Wikipédia). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>>.

Acesso em: 10 nov. 2011.

Zumbi - Biografia (Uol Educação). Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/biografias/zumbi.jhtm>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Links indicados para ampliar a sua pesquisa

A presença africana na música popular brasileira

Africanos foram forçados a reinventar sua culinária (Brasil 500 anos da Folha de São Paulo)

Artigos diversos sobre a consciência negra do Centro de Referência em Educação Mário Covas

Casa de Cultura da Mulher Negra

Dia da Consciência Negra retrata disputa pela memória histórica (artigo do site ComCiência)

Mulheres negras na história do Brasil

Núcleo de Consciência Negra da USP

Núcleo de História Oral do Museu AfroBrasil

Portal Afro

Receitas de influência africana

Downloads

A dinâmica da escravidão no Brasil (material da Revista Novos Estudos CEBRAP)

Ações afirmativas no Brasil e na África do Sul (material da Revista Tempo Social)

O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX (material da Revista de Estudos Avançados)



História da escravidão no Brasil

Pequeno dicionário de expressões afro-brasileiras

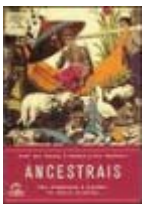
Voltar

O negro na sociedade brasileira



SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006. 176 p., il.

A autora traça um amplo panorama do continente africano, com suas diversas sociedades locais, sua história e cultura antes e depois da escravidão. E retrata as consequências da importação de quase 5 milhões de escravos africanos ao longo de mais de 300 anos de história do Brasil, mostrando as marcas de um legado cultural que até hoje exerce grande influência em nossa sociedade.



DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais**: uma introdução à história da África Atlântica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 188 p., il.

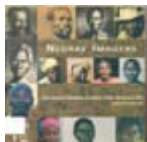
Este livro tem como objetivo apresentar ao leitor uma história de nossos antepassados e de fazê-lo a partir de sua vida no continente de origem. Não para descobri-los como povos estanques, cujas culturas, tradições e identidades seriam imutáveis. Nem para percebê-los como um mosaico de comunidades fechadas, possuidoras de características que as fixariam no tempo, como se estivessem encantadas. Mas, sim, para entender que, na África, as etnias formaram realidades múltiplas, resultantes da mistura de várias tradições culturais em permanente recomposição. Do outro lado do Atlântico, como aqui, a cultura é mestiça e partilha com culturas vizinhas características comuns de língua, religião, modos de vida e uma parte da história.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil : 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 288 p.

Um grande laboratório racial: era essa a imagem do Brasil no final do século passado. Construída pelos inúmeros viajantes que aqui aportavam, a alusão a um país de raças híbridas encontrava boa acolhida entre nossos intelectuais - juristas, médicos, literatos, naturalistas. Como entender, no entanto, que esses mesmos pensadores tenham feito das teorias raciais deterministas e evolutivas o seu baluarte intelectual, espalhando pela sociedade brasileira noções de superioridade racial e o estigma do pessimismo quanto ao futuro de uma nação mestiça?

Esse é o desafio que a autora busca vencer, com base em documentos raros e muitas vezes inéditos: a compreensão da mentalidade de uma época em que conviveram o liberalismo político e o racismo oriundo das várias escolas darwinistas. Um paradoxo que marca até hoje e põe em xeque o país da democracia racial.

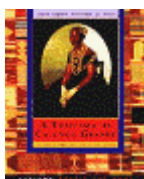


REIS, Letícia Vidor de Sousa; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **Negras imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996. 236 p., il.

Onze estudos, assinados por pesquisadores da USP e da Unicamp, em torno dos mais variados aspectos políticos e culturais que cercam a questão negra. A coletânea é uma decorrência de projeto mais abrangente, realizado pela Estação Ciência (CNPq/USP) e docentes do Departamento de Antropologia da USP no contexto dos eventos que marcaram o tricentenário da morte de Zumbi.



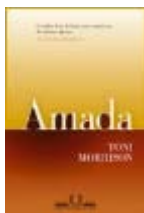
SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 332 p. (Estudos brasileiros). Compreender a situação do negro na sociedade brasileira, no momento da transição entre a escravidão e o trabalho livre, e elaborar o projeto de construção da nação brasileira seriam, na interpretação de Skidmore, as preocupações fundamentais da nossa elite entre 1870 e 1930. Na procura de respostas, o autor vasculha a produção intelectual brasileira do período, na qual identifica fortes influências da cultura francesa e da tradição jesuítica.



MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A travessia da Calunga Grande**: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637-1899). São Paulo: EDUSP, 2000. 692 p., il.

Os cativos afro-negros que chegaram ao Brasil, forçados a fazer a travessia da Calunga Grande – expressão com que designavam o mar – são os protagonistas de uma narrativa que este livro se propõe a ilustrar, por meio de imagens que rastreiam sua contribuição e a de seus descendentes na construção do país ao longo de três séculos. Extraídas de fontes diversas, como iconografia produzida por artistas viajantes, revistas ilustradas do Segundo Reinado e fotografias, as imagens se reportam a três momentos: o século XVII, quando artistas trazidos por Maurício de Nassau realizaram os registros pioneiros sobre o afro-negro; a iconografia do século XVIII, relativa principalmente às regiões de mineração de ouro e diamante; e as abundantes e múltiplas imagens do século XIX, que constituem documentação riquíssima sobre a vida cotidiana no Brasil.

O negro na literatura

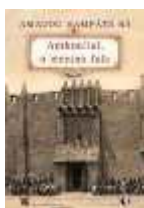


MORRISON, Toni. **Amada**. Traduzido por José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 364 p.

"Amada" é o livro mais conhecido da escritora americana Toni Morrison, prêmio Nobel de Literatura de 1993. A história se passa nos anos posteriores ao fim da Guerra Civil, quando a escravidão havia sido abolida nos Estados Unidos. Sethe é uma ex-escrava que, após fugir com os filhos da fazenda em que era mantida cativa, foi refugiar-se na casa da sogra em Cincinatti. No caminho, ela dá à luz um bebê, a menina Denver, que vai acompanhá-la ao longo da história. Com estilo sinuoso, Toni Morrison constrói uma narrativa complexa, que entrelaça com maestria brutalidade e lirismo.



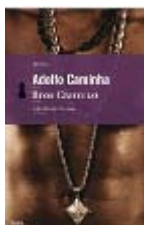
Considerado um clássico contemporâneo, faz um retrato a um tempo lírico e cruel da condição do negro no fim do século XIX nos Estados Unidos.



BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Traduzido por Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena, 2003. 376 p., il.

O autor nos conta suas recordações de infância e juventude com a impressionante riqueza de detalhes registrados pela prodigiosa memória de alguém que se formou sem escrita e com a deliciosa fluência e simplicidade dos narradores orais. Ele viveu no Mali e sua visão de mundo é marcada pelo Islamismo predominante na região que, a partir do século XIX, foi colônia da França.

A publicação desta obra no Brasil revela aos leitores uma África desconhecida, o que não deixa de ser paradoxal para um país profundamente vinculado à cultura africana. O livro é ilustrado com cartões postais do início do século XX e com belíssimas fotos da África da época.



CAMINHA, Adolfo. **Bom crioulo**. São Paulo: Hedra, 2009. 160 p. (Erótica).

"Bom crioulo" (1895) é uma das obras mais controversas e censuradas da literatura brasileira. A história conta a vida, no século XIX, de um escravo foragido chamado Amaro. Negro robusto que, sem escolhas, passa a trabalhar em navios. Sem experiências sexuais até os 30 anos, em uma de suas viagens apaixona-se perdidamente por Aleixo, um jovem de olhos claros, pele branca e beleza andrógina. Este amor repentino o faz mudar de vida. Tudo era um lindo sonho até Amaro ser intimado a trabalhar em uma embarcação. Longe de seu amor, sua mente é invadida por um ciúme mortal e doentio. Enquanto isso, na cidade, Aleixo conhece o caloroso corpo de uma mulher...



WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Traduzido por Betúlia Machado, Maria José Silveira, Peg Bodelson. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 336 p.

Celie, negra, semianalfabeta, mora no sul dos Estados Unidos, vive entre cuidar da família e planejar uma história diferente da sua para a irmã, Nettie. Acompanhamos sua vida por mais de trinta anos nos quais, solitária, ela compartilha a sua tristeza escrevendo cartas para Deus e também para sua amada irmã, que tornou-se missionária na África. No desenrolar da trama, Celie revela um espírito brilhante, mostrando seu valor diante das possibilidades que o mundo lhe oferece.



GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Moderna, 1994. 128 p. (Travessias).

A atribulada história de amor entre um abolicionista exaltado e uma escrava fugida.

Nas aventuras de Isaura para escapar do cativo, Bernardo Guimarães apresenta a situação do escravo no Brasil, às vésperas da abolição.



IWEALA, Uzodinma. **Feras de lugar nenhum**. Traduzido por Christina Baum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 192 p.



De uma hora para a outra, a vida do menino Agu vira de cabeça para baixo: a paz da aldeia em que vive com seus pais e sua irmã é rompida com a chegada de uma milícia liderada por um homem louco e cruel. Sozinho, afastado de sua família, Agu é obrigado a matar para não morrer ao ser recrutado como o mais novo soldado do grupo, presenciando os horrores de um conflito que não compreende.

Neste romance inaugural deste escritor nigeriano vamos encontrar um mundo em convulsão, uma horrível violência, temperado com momentos de humor e de compaixão.



ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar**. Traduzido por Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 476 p.

O romance narra a vida de Zarité, a escrava que foi vendida aos nove anos de idade para o francês Toulouse Valmorain, dono de uma das maiores plantações de cana-de-açúcar nas Antilhas. Como escrava doméstica, ela não sofreu as dores e as humilhações de seus iguais, mas conheceu as misérias de seus patrões - os brancos. "A ilha sob o mar" começa por volta de 1770, poucos anos antes da revolução haitiana. Quando os escravos se rebelam e queimam as plantações da ilha, Valmorain, Zarité e as crianças conseguem fugir para Cuba, e depois se estabelecem numa nova fazenda em Nova Orleans, nos Estados Unidos.

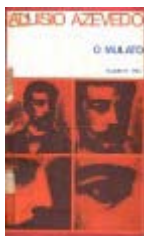


OYEYEMI, Helen. **A menina Ícaro**. Traduzido por Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. 304 p.

Jessamy Harrison tem oito anos. Sensível, caprichosa, dotada de uma imaginação extraordinária e poderosa. Como filha mestiça de pai inglês e mãe nigeriana, Jess não consegue deixar de se sentir isolada aonde quer que vá.

Quando é levada, pela primeira vez, para o complexo da família da mãe na Nigéria ela conhece seus tios e tias e primos - e seu incrível avô. Então, um dia encontra Titiola, outra garotinha esfarrapada da idade dela. Parece que afinal Jess achou outra desentrosada que vai entendê-la. A partir deste momento, além de recriar o mundo de todas as meninas de oito anos, Helen Oyeyemi conduz o leitor a um universo paralelo e assustador.

Lírico, poético e irresistível, "A Menina Ícaro" é um romance de gêmeos, duplos e espíritos, de uma garotinha criada entre culturas e cores.



AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 20. ed. São Paulo: Martins, 1975. 298 p.

Na conservadora São Luís, de fins do século XIX, o amor proibido entre Ana Rosa, uma jovem branca, e Raimundo, seu primo mulato. Mas pesa sobre eles o preconceito de uma sociedade hipócrita, que não conhece limites para proteger a situação estabelecida.



ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**: romance. Traduzido por Vera da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 236 p.

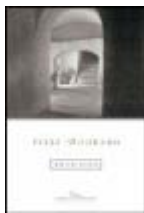
Obra é considerada um dos romances fundadores da moderna literatura nigeriana, publicada originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria.



A história se passa em Umuófia, a aldeia mais temida da Ibolândia, terra do povo ibo, e o personagem central é o bravo lutador Okonkwo, um dos respeitáveis patriarcas da comunidade. Mas seu mundo, de repente, começa a ruir. Por razões internas, ligadas a rígidos códigos tribais, ele cai em desgraça dentro da própria tribo, e, logo em seguida, tem de lidar com uma nova e inesperada força: o colonizador branco. Esse contato, a princípio caracterizado apenas por um certo estranhamento, com o tempo vai se tornando francamente conflituoso e dramático.



AGUALUSA, José Eduardo. **Nação crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007. 160 p.
"Nação crioula" conta a história de um amor secreto: a misteriosa ligação entre o aventureiro português Carlos Fradique Mendes - cuja correspondência Eça de Queiroz recolheu - e Ana Olímpia Vaz de Caminha, que, mesmo nascida escrava, tornou-se uma das pessoas mais ricas e influentes de Angola, no fim do século 19. Desenvolvido no formato epistolar (uma troca de cartas que envolve Ana Olímpia, Eça de Queiroz e outros personagens), o livro promove a mistura entre personalidades históricas do movimento abolicionista, escravos e escravocratas, além de lutadores de capoeira e pistoleiros, em uma luta mortal por um mundo novo.



LE CLÉZIO, Jean-Marie G. **Peixe dourado**. Traduzido por Maria Helena Rodrigues de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 210 p.
Laila, uma garota entre seis e sete anos é raptada na Saara Ocidental e vendida a uma velha senhora no Marrocos. Passados oito anos, sua dona e avó morre, e ela está livre para voltar para casa. Em busca de suas origens, viaja à França e aos Estados Unidos, até retornar para a África.

Nesse romance Le Clezio, por meio da jovem negra Laila (noite, em árabe), faz um passeio pelo mundo contemporâneo, revelando seus preconceitos e intolerâncias ao mesmo tempo em que produz uma defesa elegante de um ser humano universal.



EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003. 128 p.
"Ponciá Vicêncio", de Conceição Evaristo, autora mineira radicada no Rio, narra a trajetória de uma descendente de escravos em suas dificuldades e angústias. Ela vive com os pais até o momento em que decide pegar o trem e ir para a cidade grande em busca de uma vida melhor. O romance é um exemplo da chamada literatura afro-brasileira contemporânea.



BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Introdução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2010. 312 p.
Mais de cem anos depois da 1ª edição, "Recordações do escrivão Isaías Caminha" não poderia ser mais atual. Ambientado no Rio de Janeiro do começo do século XX, este livro de estreia de Lima Barreto narra a história de um negro, culto e inteligente que, embora tenha todos os atributos para ser inserido na sociedade, é massacrado pelo preconceito racial.

Na introdução o crítico Alfredo Bosi investiga a figura do narrador, que oscila entre as fantasias de prestígio social e o cotidiano sempre à beira de humilhações.



CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Traduzido por Marcelo Tápia. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 132 p.

Um dos textos fundadores do "realismo mágico", o romance "O reino deste mundo" (lançado originalmente em 1949) do cubano Carpentier, narra com traços exuberantes o fim do período colonial no Haiti e o início da República. A transição é abordada como um rito de passagem, de formação de identidade latino-americana. À realidade despótica da colônia, contrapõe-se um mundo anárquico, tocado pela magia, que resgata elementos mitológicos de origem africana. A libertação do Haiti é apresentada pelo olhar do escravo Ti Noel, olhar que reflete o anseio por uma realidade liberta de paradigmas europeus.



PHILLIPS, Caryl. **A travessia do rio**. Traduzido por Gabriel Zide Neto. Rio de Janeiro: Record, 2011. 320 p.

"A travessia do rio" se estende por 250 anos da diáspora africana. No século XVIII, três irmãos são vendidos e entregues à escravidão. A partir de então, Nash, Martha e Travis contam suas trajetórias em jornadas distintas. Nash retorna à África como missionário cristão nos anos 1830, Marta é uma pioneira nas caravanas para o Velho Oeste americano, também no século XIX, e Travis um soldado lotado numa aldeia inglesa durante a Segunda Guerra Mundial. Passando por diferentes países e gerações, Caryl Phillips nos relembra a história de um continente que nunca deverá ser esquecido.

O negro no cinema



ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil, 1989. 1 DVD (91 min.), NTSC, son., dolby digital 2.0, color.

Rodado durante 11 anos no Brasil e na África, o documentário é fruto de encontro da pesquisa cinematográfica de Raquel Gerber com pesquisa histórica de Beatriz Nascimento. "Ôrí" documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como idéia central de um contínuo histórico, e apresentando como fio condutor a história pessoal de Beatriz Nascimento, historiadora e militante, falecida trágica e prematuramente no Rio de Janeiro, em 1995. O filme também mostra a comunidade negra em sua relação com o tempo, o espaço e a ancestralidade, através da concepção do projeto de Beatriz, do "quilombo" como correção da nacionalidade brasileira.

Concebido em época de grande impacto sócio político e cultural no Brasil, "Ôrí" busca a consciência do homem em relação à história e à reconstrução da identidade, pela unificação da consciência: todas as filosofias, um só pensamento. O documentário recupera junto aos movimentos negros a imagem do "herói civilizador" Zumbi de Palmares em busca de uma identificação positiva para o homem negro moderno e livre.

A palavra ôrí, significa cabeça, consciência negra, e é um termo de origem yorubá (ref. à África Ocidental).



"Ôrí" tem fotografia de Hermano Penna, Pedro Farkas, Jorge Bodanzky e outros importantes profissionais; música original do percussionista Naná Vasconcelos, com arranjos de Teese Gohl; montagem de Renato Neiva Moreira e Cristina Amaral e texto de Beatriz Nascimento. "Ôrí", foi filmado originalmente em 16 mm, e lançado em 1989. E, 20 anos depois foi digitalizado para ser relançado nos cinemas por sinal digital.



ADIVINHE quem vem para jantar. Direção de Stanley Kramer. Estados Unidos, 1967. 1 DVD (108 min.), NTSC, son., legendado, dolby digital, color. (Columbia Classics).

Joanna, a bela filha de um editor liberal, Matthew Drayton, e sua esposa aristocrata, retorna para casa com seu novo namorado John Prentice, um ilustre médico negro. Cristina aceita a decisão da filha de se casar com John, mas seu pai está chocado com essa união inter-racial; bem como os pais do médico. Para acertar as coisas, ambas as famílias devem sentar-se frente a frente e examinar os seus níveis de intolerância.



BESOURO. Direção de João Daniel Tikhomiroff. Brasil, 2009. 1 DVD (94 min.), NTSC, son., dolby digital 5.1, color.

Besouro foi o maior capoeirista de todos os tempos. Um menino que - ao se identificar com o inseto que ao voar desafia as leis da física - desafia ele mesmo as leis do preconceito e da opressão. Um filme de aventura, paixão, misticismo e coragem, no qual fantasia e registro histórico se misturam no cenário do Recôncavo Baiano dos anos 20.



O CONTADOR de histórias. Direção de Luiz Villaça. Brasil, 2009. 1 DVD (105 min.), son., dolby digital 5.1, color.

"O contador de histórias", relata a trajetória de Roberto Carlos Ramos, um menino cheio de imaginação que, nos anos 70, é deixado pela mãe em uma entidade assistencial recém criada pelo governo. Aos treze anos, após incontáveis fugas, ele é classificado como 'irrecuperável' nas palavras da diretora da entidade. Contudo, para a pedagoga francesa Margherit Duvas, que vem ao Brasil para o desenvolvimento de uma pesquisa, Roberto representa um desafio. Determinada a fazer do menino o objeto de seu estudo, ela tenta se aproximar dele. O que surge entre os dois é uma relação de amizade e ternura, que porá em xeque a descrença de Roberto em seu futuro e desafiará Margherit a manter suas convicções.



O GRANDE desafio. Direção de Denzel Washington. Estados Unidos, 2007. 1 DVD (126 min.), NTSC, son., legendado, dolby digital 5.1, color.

Drama baseado em fatos reais sobre o professor Melvin B. Tolson, de uma modesta universidade do Texas voltada para negros, a Wiley College Texas. Em 1935, Tolson influenciou seus alunos a formarem o primeiro time de debatedores para desafiar a tradicional Harvard numa competição nacional de conhecimentos.



UM GRITO de liberdade. Direção de Richard Attenborough. Grã Bretanha, 1987. 1 DVD (157 min.), NTSC, son., legendado, dolby digital 2.0, color.

A história real da amizade do negro ativista Steve Biko com Donald Woods, o editor branco de um jornal. Depois de travar contato com os verdadeiros horrores do apartheid através dos olhos de Biko, o editor descobre que o amigo foi silenciado pela polícia. Determinado a não deixar que a mensagem de Biko seja abafada, ele empreende uma perigosa fuga para a África do Sul para tentar levar a incrível história de Biko para o mundo.



HOTEL Ruanda. Direção de Terry George. Grã Bretanha : Estados Unidos : Itália : África do Sul, 2004. 1 DVD (121 min.), NTSC, son., legendado, dolby digital 2.0, color.

Em Ruanda, no ano de 1994, um conflito político levou à morte quase um milhão de ruandeses, em apenas cem dias. O mundo fechou os olhos para Ruanda, mas um homem abriu seus braços e coração e fez a diferença. Esse homem, Paul Rusesabagina, era gerente de um sofisticado hotel na capital de Ruanda, quando o conflito começou. Munido apenas de sua coragem, ele abrigou no hotel mais de 1200 adultos e crianças, assim como sua própria família. "Hotel Ruanda" conta a história de Paul para contar a história de Ruanda, como um alerta ao mundo.



QUANTO vale ou é por quilo? Direção de Sérgio Bianchi. Brasil, 2005. 1 DVD (108 min.), NTSC, son., color.

"Quanto vale ou é por quilo?" desenha um painel de duas épocas aparentemente distintas, mas, no fundo, semelhantes na manutenção de uma perversa dinâmica sócio-econômica, embalada pela corrupção impune, pela violência e pelas enormes diferenças sociais. No século XVIII, época da escravidão explícita, os capitães do mato caçavam negros para vendê-los aos senhores de terra com um único objetivo: o lucro. Nos dias atuais, o chamado Terceiro Setor explora a miséria, preenchendo a ausência do Estado em atividades assistenciais, que na verdade também são fontes de muito lucro. Com humor afinado e um elenco poucas vezes reunido pelo cinema nacional, "Quanto vale ou é por quilo?" mostra que o tempo passa e nada muda.